

JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XIII, nº 99, fevereiro/março 2020

BRASÍLIA COMEÇA EM CAICÓ

sôniahelen

Nos últimos 60 anos, o Brasil mudou. Virou urbano, essencialmente urbano. As cidades, mais que crescer, incharam. O campo esvaziou-se e a população perdeu-se no emaranhado dos cortiços e vielas. Do total de municípios brasileiros, apenas pouco menos de 6% têm mais de 100 mil habitantes em sua sede. Quase 70% deles têm menos de 20 mil habitantes.

É nas grandes cidades que se encontra a enorme maioria da população brasileira. Empilhada, maltratada, aviltada. Sem moradia adequada, sem saneamento, sem saúde, educação ou transporte

satisfatórios. Na mais absoluta insegurança, uma vez que a violência já não conhece limites ou fronteiras. Subempregada ou desempregada, essa imensa multidão de brasileiros espera por uma solução digna, humana, respeitosa para os problemas que enfrenta a cada dia. Ou por um milagre, diante da desilusão com os políticos e governantes.

Ocorre que não adianta buscar soluções apenas para metrópoles ou megalópoles, que ultrapassaram, à larga, os limites do razoavelmente administrável porque já perderam, há muito, a escala da dignidade humana. Não é possível pensar

em resolver a questão urbana sem pensar nas pequenas cidades brasileiras e em uma distribuição da população capaz de provocar e produzir a desconcentração demográfica e uma rede urbana mais equilibrada e moderna.

O planejamento traz em si uma armadilha sutil, difícil de ser rompida. Quanto mais se melhoram as cidades, mais atrativas elas ficam. Mais atrativas, maior o afluxo de pessoas em busca das benesses, verdadeiras ou apenas pressentidas. Maior população, maiores problemas...

Continuação na página 9

CAVALGANDO O TEMPO

Wil Prado

Com *VENTO, CAVALO DO TEMPO*, seu décimo-sexto livro, Wilson Pereira como que vem nos prestar conta de todo o seu fazer poético, lenta e gradualmente destilado ao longo das últimas décadas. São poemas singelos, com a marca da simplicidade dos que têm o que dizer, e o dizem com clareza e de forma direta, sem recorrer a invólucros opacos e herméticos, tão ao gosto de certos narcisos.

A linguagem — direta e concisa — é rica em imagens e metáforas, mas o poeta consegue ainda superar-se quando recorre à metalinguagem, zombando do impossível e do inexplicável, como nos impagáveis “Cinzas” e “O Poema no Ar”. Como flocos de neve ou pedaços de nuvem desgarrados, as palavras vão se juntando, formando frases, gerando estrofes, sugerindo imagens que vão se arrastando suavemente pelas páginas, criando uma atmosfera envolvente, como se ele quisesse nos pedir desculpa de ser poeta. E assim adensa-se o clima de intimidade que, e para nosso maior deleite, nos revela mais de nós mesmos do que do criador. É como se, íntimos — velhos amigos —, estivéssemos a trocar confidências de compadres numa rua qualquer de uma cidade do interior.

Mas que não se iludam incautos leitores: por trás dessa simplicidade há uma grande vivência poética, e tremenda elaboração. A começar pela escolha do tema, retirado de um verso de Pablo Neruda: pois o que são cavalos, senão poemas soltos no ar — indomáveis, livres, pastando nos campos infinitos da nossa imaginação?

Wilson Pereira vem, livro após livro, se firmando como um dos grandes escritores nacionais: com livros publicados nos gêneros de poesia, contos e textos infantis e juvenis, traduzidos em vários idiomas (Argentina, Itália, Colômbia, Romênia e México) e com poemas em antologias nacionais e internacionais, via Olga Savary

e Assis Brasil, para mencionar apenas duas das mais importantes realizadas em nossas letras.

Mas se ele excursionou com sucesso por diversos gêneros da literatura, com livros consagrados pelo público — em prosa e verso — já em várias edições, e pela crítica com artigos até no exterior, o que o tem destacado, elevando seu nome ao patamar superior da literatura brasileira, é sua refinada poesia, que, seguindo um caminho inverso da maioria dos poetas, a cada dia se torna mais simples e direta, como se buscasse a linguagem coloquial das conversas de esquinas, botecos e quintais da sua infância e juventude em sua natal Coromandel ou na adotiva Patos de Minas.

Contudo, para nosso espanto e surpresa, o que vamos encontrar no patamar desse décimo sexto volume de poemas não é um poeta esnobe, do alto do seu pedestal a vangloriar-se. Não. Sua pena — experiente e afiada — que já percorreu sendas mais complexas e profundas, continua a transitar pelas dúvidas e anseios do homem comum, a revisitar os mesmos temas cotidianos da vida, com as descobertas da infância, o espanto da adolescência e o olhar bonachão e apaziguador da sábia maturidade.

Fique bem claro que ele, no seu modesto “mineirismo”, invocando paisagens e coisas da sua terra (como as montanhas e os queijos), cantando a sua aldeia, não deixa de abordar temas, digamos, filosóficos, em densos poemas como “Nossos Mortos”, “Afinal”, “Sem Alarde”, “As Marcas”, “Olhar” ou “Impulso”, por exemplo, mas sempre com um pé no transcendental e o outro no cotidiano, na melhor linha quintanista. Aliás, um dos poemas se intitula “Imitando Quintana”. Sei que é força de expressão, claro, contudo, não posso deixar de provocar o poeta. Não é uma imitação: é uma bela paródia em que ele capta, com humildade, mas com uma dose de

ironia, o desprezo de Quintana por todos os levianos que, brutal e desafiadoramente, atravessaram o seu caminho. Suma modéstia: Wilson não imita Quintana; Wilson enleva, elege e sublima Quintana!

Não sei quais foram as fontes onde o poeta bebeu, mas arriscaria dizer que uma boa brisa cabralina desceu do litoral pernambucano e veio lamber veredas e sertões de Minas, deixando sobretudo a sua marca — seca, calva e precisa — nesse “Rio Morto”, de que não resisto em reproduzir as duas primeiras estrofes:

Olhar um rio seco
é sabê-lo morto
e enterrado
em seu próprio leito.

Ver o leito seco
de um rio peço
é ver em sua cova
os sinais da morte
que nada e desova,
campeia e manobra
onde só sobram
rastros de ratos e cobras.

Não sou poeta nem crítico (longe de mim tamanha ousadia!), mas ao navegar por esses flagrantes de imagens e emoções, não posso deixar de dizer que saio desse pequeno livro com a alma enxovalhada, mas com uma firme certeza:

Quando eu crescer
(mesmo sem eira nem beira),
eu quero ser um poeta
Como esse Wilson Pereira!

AUTORES E LIVROS ESQUECIDOS II

M. Paulo Nunes

Na última nota sobre este tema, ocupamo-nos de livros e autores da literatura de outros povos. Hoje, falaremos de autores e livros de nosso país.

Com o modernismo de 22 e sobretudo após o aparecimento do romance de 30 ou de documentação sociológica da realidade brasileira, em que cada romancista queria realizar um retrato do Brasil, não mais aquele retrato idealizado por José de Alencar, na fase romântica de nossa história literária, houve uma coqueluche na preferência do público leitor por esses romances. Haja vista o interesse popular por autores como José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Amando Fontes, Érico Veríssimo, Lúcio Cardoso e outros que tais.

Qual o segredo desse fenômeno? É que houve a ampliação do quadro dos motivos literários, passando a nossa romancística pós-1930 a incorporar em sua temática a realidade social das camadas periféricas, sobretudo a do meio rural, seguindo um pouco a lição do genial Euclides da Cunha, com *Os Sertões*. A própria linguagem, que não mais era a requintada dos salões da *belle époque*, como se verificava na obra de Afrânio Peixoto (*A esfinge*, *Bugrinha*, *Maria Bonita e Fruta do mato*), não obstante os três últimos citados serem romances que retratam o meio rural, passou a aproximar-se da língua coloquial de nosso povo, constituindo verdadeira revolução nos padrões literários tradicionais. Esse fenômeno se efetivaria na década de 40, com o aparecimento de *Sagarana* e, posteriormente, *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, na trilha aberta, em 1928, por *Macunaíma*, de Mário de Andrade.

A poesia, por sua vez, assumiu tonalidades novas, com o abandono dos metros tradicionais e a valorização da palavra como instrumento de expressão do discurso poético. Surge a poesia social de Mário de Andrade, a poesia pau-brasil de Cassiano Ricardo, o ritmo claudeliano de Augusto Frederico Schmidt, a poesia intimista de Bandeira, a poética do cotidiano, social e elegíaca de Carlos Drummond de Andrade, o lirismo erótico de Vinicius de Moraes, o acento musical da poética da doce e sempiterna Cecília Meireles.

Desses autores todos, tão badalados, no tempo em que apareceram, quais os que permanecem? De Afrânio Peixoto, tão enaltecido em sua época, não mais se ouve falar, nem mesmo como interesse de estudo.

José Lins, muito pouco. Amando Fontes, autor de dois livros marcantes naquela época – *Os Corumbas* e *Rua do Siriri*, ninguém mais dá notícia. Érico Veríssimo, que escreveu livros admiráveis como *O Senhor Embaixador*, a trilogia *O tempo e o vento* (*O Continente*, *O Retrato*, *O Arquipélago*) e aquele surpreendente *Incidente em Antares*, com algo do realismo mágico dos autores hispano-americanos – Cortazar, Gabriel García Márquez, é hoje muito pouco lembrado; Lúcio Cardoso, que com *Maleita*, *A luz do subsolo* e aquela alucinante *Crônica da casa assassinada* em que mergulha no romance psicológico da vertente revelada por Machado de Assis, é hoje autor injustificadamente esquecido, como totalmente desconhecido é o romancista Cornélio Penna, com dois livros densamente psicológicos – *Fronteira* e *Dois romances de Nico Horta*.

Em resumo, daqueles autores antes apontados, talvez só tenham escapado Guimarães Rosa e o Velho Graça, que continuam sendo objeto de estudo e tradução para outras línguas, Jorge Amado e Rachel de Queiroz.

Dos poetas citados, salvam-se do olvido público Bandeira, Drummond, Vinicius, um pouco de Cecília Meireles, se é que não há nisso um tanto de predileção pessoal.

Um consolo nos resta, entretanto, deste exame sumário de nossas letras. É que o grande Machado de Assis continua pelo mundo afora a despertar o interesse dos estudiosos e a curiosidade dos leitores. Parece que o bruxo do Cosme Velho se torna cada dia mais palpitante e atual, como a figura emblemática de nossa literatura. Na França, suscita o interesse de um Jean-Michel Massa e na Inglaterra, de um John Gledson, que copiosamente o vêm estudando e interpretando.

Conforme aquela fina observação no fim de um de seus livros – *laiá Garcia*, “*alguma coisa escapa ao naufrágio das ilusões*”. Prosseguiremos, na próxima conversa, com os portugueses.

Soneto do Mês

OLHOS ALEGRES

Lúis Edmundo



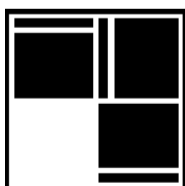
Há uma lágrima sempre atenta em nossos olhos,
uma lágrima branca, uma lágrima pura,
e assim como no mar os traiçoeiros escolhos,
ela, escondida, a flor das pálpebras procura.

Aí fica parada; os íntimos refolhos
da nossa alma reflete, e, quando uma ventura
em riso nos entreabre os lábios, com doçura,
ela, a lágrima, fica a nos tremer nos olhos.

Tu, que és moça e que ris e não sabes a mágoa
do mundo, tem cuidado, olha essa gota d'água,
se não queres da vida achar-te entre os abrolhos;

ri, mas ri devagar, que a lágrima traiçoeira,
talvez, vendo-te rir assim dessa maneira,
trema e caia afinal um dia dos teus olhos!

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: ane.df@terra.com.br

29ª DIRETORIA
2019-2021

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
1º Vice-Presidente: Roberto Nogueira Ferreira
2º Vice-Presidente: Edmilson Caminha
Secretária-Geral: Sônia Helena
1º Secretário: Jolimar Corrêa Pinto
2º Secretária: Noélia Ribeiro

1º Tesoureiro: Salomão Sousa
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza
Diretor de Biblioteca: Gilmar Duarte Rocha
Diretora de Cursos: Kátia Luzia Lima Ferreira
Diretora de Divulgação: Vera Lúcia de Oliveira
Diretor de Edições: Afonso Ligório
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Carlos Brandi Aleixo, José Jeronymo Rivera, José Peixoto Júnior e Napoleão Valadares.

JORNAL da ANE nº 99 – fevereiro/março 2020

Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho
(Reg. FENAJ nº 286)

Revisão

Napoleão Valadares

Conselho Editorial

Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta,
Danilo Gomes, Edmilson Caminha e
Fabio de Sousa Coutinho

Diagramação

Bruno Eustáquio

Impressão: Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 3 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante - Brasília - DF - CEP: 71736-303
(61) 98625-2636 / 3386-0459 - grupoeitoraoitimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

POR QUE OFENDEM, HUMILHAM, DEPRECIAM, MALTRATAM, AGRIDEM E MATAM MULHERES?

Roberto Nogueira Ferreira

“A mulher é um homem incompleto!” Antes que justas pedras me atirem, caríssimas leitoras acertadamente indignadas, a afirmação pertence ao filósofo grego Aristóteles, aluno de Platão, isso mesmo, Aristóteles. Quem me contou foi Eduardo Galeano, em *Os filhos dos dias*, ao tratar de 8 de março, dia internacional dedicado às mulheres. Da Grécia para a Alemanha, vamos encontrar Arthur Schopenhauer a afirmar que “a mulher é um animal de cabelos longos e pensamentos curtos”. Aristóteles referia-se à anatomia, Schopenhauer à natureza feminina. Para completar, encontramos na Bíblia considerações sobre o destino das mulheres. “Disse Yahvé à mulher: Teu marido te dominará”. E no Corão? Disse Alá a Maomé: “As boas mulheres são obedientes”. Salve Galeano, as veias continuam abertas.

Lembrei-me de *Os filhos dos dias* quando fui instado a falar sobre o Dia Internacional do Homem. No Brasil, esse país grande, belo e esquisito, celebra-se o dia do homem, em nome da pretensão masculina, em duas datas: 15 de julho e 19 de novembro.

Os ouvintes entreolharam-se quando comecei: Salve 8 de março, mais um Dia Internacional do HOMEM! Dia do homem, enfim, render-se à superioridade feminina e...

- Refletir sobre o papel da mulher em sua vida e na sociedade.
- Dizer eu te amo à sua companheira e se

perguntar: por que não faço isso todos os dias?

- Deixar de ser passivo ante toda forma de violência contra as mulheres.
- Respeitar essa criatura quase divina como se de fato ela o fosse.
- Compreender por que Victor Hugo, no séc. 19, escreveu: “O homem está colocado onde termina a terra; a mulher, onde começa o céu”.
- Fazer o “mea culpa” pela covardia e omissão ante a prostituição infantil de meninhas indefesas e famélicas.
- Encontrar a sua real dimensão.
- Entender que não é homem só porque assim está na certidão de nascimento, depois de sair do ventre úmido e quente de uma mulher.
- Reconhecer que o que o define e distingue são atos e omissões, o que faz e o que deixa de fazer, especialmente em relação ao outro gênero.
- Crescer em sua humildade e apequenar-se diante da grandeza da mulher.

Atravessamos a escuridão da perplexidade. E as trevas da estupidez. Em uma mulher não se bate nem com uma flor é conceito morto. Assassinarão-no. Em seu lugar, nesse obscurantismo, comandos superiores inspiram covardes. Exemplos arrastam, disse Sêneca. No caso, pelos cabelos, pernas, braços, por onde se puder pegar. Antes que a prática se transforme em política pública, reagir é preciso!

POETA VISCERAL, FILÓSOFO HUMANISTA*

Fabio de Sousa Coutinho

A propósito de um dos encontros de leitura de poesia que teve, nos Estados Unidos, com o estupendo bardo W.H. Auden, o autor russo (depois, naturalizado americano) Joseph Brodsky, Prêmio Nobel de Literatura de 1987, registrou que “ler um poeta é uma forma de nos sentirmos seres humanos decentes”.

Admirador da obra dos imortais vates gregos e alemães (decifrados nas respectivas línguas originais), Antonio Cicero soube sempre equilibrar, em sua dicção poética, o conhecimento da Filosofia e a importância de transmitir, com extrema clareza e impermeável decência, a emotividade e, mais precisamente, a humanidade que são, também, da essência da arte de versificar.

Escritor superlativamente culto, Cicero construiu, ao longo de quase quatro décadas de constante e sólida atividade literária, obra lírica e filosófica que em momento algum resvalou para os excessos da catarse e da autobiografia, antes voltando-

se, de modo invariável, para a relevância da alteridade, não sendo poeta de demorar-se diante do espelho.

Humano, demasiado humano, e densamente filosófico, perspicaz investigador das insondáveis profundezas existenciais, Antonio Cicero aliou e fez convergir, sem tergiversar, vertentes de pensamento que dimensionam e enaltecem a trajetória cultural dos povos civilizados, figurando hoje, muito acima de qualquer dúvida, entre os mais ouvidos, respeitados e justamente cultuados intelectuais brasileiros.

Ao trazer a lume, como o segundo título da coleção *Item de Colecionador*, este preciosíssimo *ESTRANHA ALQUIMIA*, a primeira antologia poética da irretocável trajetória mental de Antonio Cicero, a Editora Penalux e Diego Mendes Sousa fazem a poesia brasileira subir mais um pouco. Podia-se dizer com outras palavras: Antonio Cicero publicou um novo livro. É ler para crer.

*Apresentação do livro *Estranha Alquimia*, de Antonio Cicero (Editora Penalux, 2019).

DOIS POEMAS PORTUGUESES

Eduardo Dalter

Eduardo Dalter, poeta argentino (Buenos Aires, 1947), publicou, entre outros livros, *En la Medida de tus Fuerzas* (1982), *Versus* (1984), *Silbos* (1986), *Hojas de Sábila* (1992), *Mareas* (1997), *Canciones Olvidadas* (2006) e *Nidia* (2008).

Editor (anos 1990) do *Cuaderno Carmín de Poesía*, divulgador da poesia latino-americana.

Os poemas datam de Lisboa, 21.3.2019, e são dedicados

“al poeta Ronaldo Cagiano y a la narradora Eltânia André, por nuestra amistad, nuestros fervores y nuestros encuentros poéticos”.

A tradução é de Anderson Braga Horta.

LISBOA

Palavra de poeta

Não quero caminhar pela colorida Rua Augusta
nem percorrer a casa em que vivia o Nobel Saramago
nem tomar café no bar onde Pessoa começou a rascunhar seu poema sobre a tabacaria;
hoje só queria conhecer seu Aurélio (assim se chamava?), esse homem tão leal e laborioso
que desencravava e aparava as unhas ao severo ditador Salazar,
porque já quase não posso mais,
e é disso que preciso
para subir e descer por estas ruas tão empinadas
e de calçadas brancas e sempre irregulares.

NA HORA DE COMER

Na hora de comer
ou de não comer,
ó Lisboa,
os espinhos,
os grossos espinhos
da gente
que viaja de trem,
ou que sobe pela Rua do Alecrim, desde os anos,
sempre os anos,
sempre, sempre os anos,
de comer ou não comer...

IV CONCURSO DE ENSAIOS DE LITERATURA COREANA, EM BRASÍLIA

A Quinta Literária de 28 de novembro de 2019 marcou o encerramento do IV Concurso de Ensaios de Literatura Coreana, em Brasília, com as premiações das duas categorias de participantes (livre e ensino médio).

Na foto, alunas, professoras e dirigentes da Escola Vila das Crianças, de Santa Maria, que, mais uma vez, participaram exitosamente do Concurso, na companhia do Presidente da ANE, Fabio de Sousa Coutinho, e da Secretária Geral da Entidade, Sônia Helena Cordeiro.



IV CONCURSO DE ENSAIOS DE LITERATURA COREANA, EM BRASÍLIA 2019

ENSAIOS VENCEDORES

BRILHO NOS OLHOS THAIS PÔMPEO DE PINA

O poder da música

Até onde vai o poder da música? O romance “Pepino de alumínio” de Kang Byoung Yoong expande as possibilidades de resposta a esta pergunta ao estabelecer a música como principal elemento de conexão entre os dois principais personagens, Viktor Tsoi e Choi Vitório.

Viktor, real. Vitório, ficção. Neste contraste, Kang nos mostra o poder da música de conectar verdade e imaginação, fato e possibilidade. Sabemos que a menor distância entre dois pontos é a reta. Seria a menor distância entre realidade e sonho... a música?

Viktor Tsoi vivia na Rússia, mas sempre sonhou conhecer a Coreia do Sul. Choi Vitório vivia na Coreia, mas sonhava conhecer a Rússia. No equilíbrio desta simetria entre os dois personagens, a música exerce seu poder de transpor distâncias e diferenças culturais.

As vidas de Viktor e Vitório dançam um lindo *pas de deux* ao longo do livro, apesar de os personagens terem vivido em épocas diferentes. Aqui a música estabelece o palco secreto onde diferentes tempos podem coexistir e contracenar.

Viktor morreu no dia 15 de agosto de 1990. Vitório nasceu no dia 15 de agosto de 1990. Seria então a música uma forma de transcendência do espírito e continuidade da existência?

A chegada da música na vida de Choi Vitório é transformadora. O tímido menino coreano vivia com ideias lindas engaioladas em sua mente. Ele achava muito difícil transformar pensamentos em palavras. Como resultado, ele tinha dificuldade de socialização, baixa autoestima e sofria graves episódios de *bullying* na escola. Na música, Vitório encontrou a sua fala. Na música, ele encontrou uma relação diferente com o mundo ao seu redor. E assim, a música lhe trouxe admiração e respeito, até mesmo daqueles que o oprimiam. Para Vitório, a música foi expressão e liberdade. Para o leitor, esperança.

Já a relação entre Viktor Tsoi e a música é bastante conhecida, principalmente pelos russos que viveram nos anos noventa. O músico e compositor russo de origem coreana foi vocalista da banda Kino e morreu em um acidente de carro no auge de sua carreira. A música de Viktor reverberou pelo mundo, deixando ecos de muita saudade. Ao incluir as canções de Viktor no final do livro, Kang nos aproxima da estória desta lenda do rock e revela a origem de muitos títulos dos capítulos do livro. Com muito talento nas artes plásticas, Viktor escrevia música como um escultor. Suas letras tinham muitas faces. Uma delas é a face de oração, como em *Tipo Sanguíneo*, em que a canção é como um escapulário da sorte do soldado.

(...) O tipo sanguíneo – na manga.

Meu número de registro militar – na manga.
Deseje-me sorte na batalha,

Deseje-me sorte

Para que eu não fique nesse mato, para que eu não fique nesse mato.(...)

Outra face de suas canções é a de hino que, inflamado, clama por justiça e liberdade, como em

Nós ainda agiremos!

Nós queremos ver mais do que as janelas da casa em frente. Nós queremos viver, e estar vivos, como os gatos.

E nós viemos para afirmar nossos direitos: “Sim!”
Você ouviu capas de chuva tremular: somos nós...

Nós ainda agiremos! Nós ainda agiremos! (...)

Em *Seja um pássaro*, Viktor poético compõe versos que nos inspiram a voar.

Seja um pássaro que vive no céu.

Lembre-se de que não há pior cárcere do que a mente. Seja um pássaro, sem pensar no pão.

Eu serei o caminho. (...)

“Pepino de alumínio” é um ingresso para um concerto em celebração ao poder da música e à mágica que acontece quando as ondas sonoras encontram a alma humana.

O poder do silêncio

Em meio a descrições de sons e canções, uma presença lúgubre assombra destinos neste romance. O silêncio. Já na página 33, ele aparece ao nomear o capítulo “Menino que nasceu abraçando o silêncio”, que descreve o nascimento de Vitório.

(...) E...

O bebê nasceu. Finalmente, minha mulher abriu um sorriso e eu também. Entretanto,

O bebê não chorou nem sorriu. O rosto do médico ficou sombrio. As enfermeiras silenciaram.

O bebê nasceu em silêncio, embora todo o mundo estivesse esperando o choro do bebê recém-nascido. Um silêncio gelado tomou conta da sala de parto. (...)

Este silêncio de Vitório gera um longo silêncio em sua mãe. E o impacto deste silêncio na vida dela é devastador. Ao contrário do movimento da música de exteriorizar os sentimentos, o movimento do silêncio é de interiorizá-los, guardá-los, escondê-los, contê-los, comê-los. Para a mãe de Vitório, o silêncio virou angústia, refletida no transtorno alimentar.

Um outro silêncio grita muito alto neste romance. O silêncio de Jeon. Melhor amigo de Vitório, Jeon divide com ele não apenas a carteira da classe, mas também momentos de dor e humilhação, em que os dois sofrem episódios de perseguição e agressão física por seus colegas. Jeon não precisa usar palavras para que Vitório o compreenda. A cumplicidade silenciosa entre os dois desenha uma delicada amizade, cujo desfecho deixa o leitor sem fôlego.

O poder dos sonhos

Quando conteúdo e forma decidem dançar juntos – é arte.

A decisão de Kang de estruturar o livro como uma fita cassete, com Lado A, Lado B e faixas ocultas, sugere uma interessante relação entre forma e conteúdo. A mesma ligação que existe entre as músicas

de uma fita cassete pode ser identificada entre as vidas dos personagens principais. Assim como cada música prepara a emoção do ouvinte para a próxima canção, a vida e o destino de um personagem preparam e possibilitam a existência da vida e do destino do outro. A vida de Viktor é a canção que precede a vida de Vitório. Existe um senso de continuidade entre as vidas, como se as histórias tivessem sido gravadas na mesma fita magnética, linha contínua que conecta destinos, assim como conecta canções.

Neste conceito de continuidade, um aspecto é especialmente interessante: uma forma menos individualista de abordar os sonhos. Jeon, que não conseguiu realizar seus próprios sonhos, pede a Vitório que realize os dele. Olga, fã de Viktor Tsoi, que fica ao lado de seu túmulo por anos em sua homenagem e acreditava que ele voltaria, realiza o sonho que o ídolo nunca realizou: o de conhecer a Coreia. Vitória, prima amada de Vitório, ao perseguir seus próprios sonhos, viabiliza a realização do sonho do primo de conhecer a Rússia. Uma ciranda de sonhos, onde o impacto de cada gesto sobre o destino do outro reverbera como ondas sonoras.

O tema dos sonhos é constantemente presente na história e se materializa especialmente em dois gestos emblemáticos de Vitório, ambos de belíssimo impacto visual e força metafórica. No primeiro, Vitório criança enterra no jardim do apartamento esculturas de papel alumínio, fabricadas por ele. Ele acreditava que eram “pepinos de alumínio” e que ao plantá-los na terra nasceriam muitos pepinos brilhantes. O segundo gesto acontece na laje do apartamento: Vitório lança mil cegonhas de papel dourado, uma feita por ele e novecentos e noventa e nove fabricadas por Jeon, para que voem. Estes gestos ilustram a capacidade humana de perseguir o impossível, o improvável, seja plantando sonhos sob a terra, seja oferecendo-lhes o vazio do ar para que voem, já que, como diz Dostoiévski em “Os Irmãos Karamazov”, “é só no vazio que o voo acontece”.

Somos assim: sonhamos o voo mas tememos a altura. Para voar é preciso ter coragem para enfrentar o terror do vazio. Porque é só no vazio que o voo acontece. O vazio é o espaço da liberdade, a ausência de certezas. Mas é isso o que tememos: o não ter certezas. Por isso trocamos o voo por gaiolas. As gaiolas são o lugar onde as certezas moram.

O poder do sentido da vida

Tema importante do livro, o destino aparece como o resultado do equilíbrio entre o inexorável e o transformável. Ora aceito pelos personagens como uma fatalidade imutável, como no momento em que Viktor se vê de frente a um ônibus em alta velocidade e aceita a sua morte sem reagir, ora esculpido pelos sonhos – próprios ou de terceiros – como quando Vitório decide realizar o seu sonho de conhecer a Rússia.

Mais uma vez, forma e conteúdo se entrelaçam. Para tocar música em um aparelho de fita cassete, apertamos o *Play*. Ele faz com que o aparelho gire a fita em uma única direção: para frente. Assim também acontece na vida, cujo sentido é apenas um: para frente. Este trecho que envolve a personagem Vitória, prima que Vitório tanto adora, nos convida a refletir sobre este movimento unidirecional da vida e sobre a escolha de vê-la com foco no futuro.

Em Seul há a estação ferroviária Seul, mas não há estação ferroviária Moscou em Moscou. Em seu lugar está a estação São Petersburgo. Achava mais interessante ainda que em São Petersburgo não existisse uma estação São Petersburgo, mas sim uma estação Moscou. Achava sensacional batizar a estação de trem pela localização de um destino.

Dar importância ao lugar de chegada em vez do de partida. Ter interesse pelo destino que vai seguir, em vez daquele que se está deixando. Era essa ideia que Vitória achava atraente. Era essa a razão que estimulava Vitória a partir.

O poder deste livro

Quando canto uma canção, me visto de um outro lugar. O lugar do outro. E a beleza de “Pepino de alumínio” está aqui. O poder maior deste livro está no movimento que o autor convida o leitor a fazer. O mais belo dos movimentos. O movimento de colocar-se no lugar do outro.

Kang passa o microfone de mão em mão e assim nos convida a ouvir as múltiplas vozes que contam esta história, permitindo ao leitor perceber os fatos por diferentes ângulos. Nas faixas ocultas, os desabafos do pai de Vitório nos dão uma perspectiva complementar do protagonista. A voz da mãe, na faixa oculta final, nos revela uma dimensão aprofundada dela como personagem silenciosa até então.

Entramos na cabeça e no coração de Vitório. Entendemos o mundo com seus olhos e, principalmente, com seus ouvidos. Experimentamos a maneira incrivelmente sensorial como ele percebe as coisas. Sentimos sua dor e rimos com seu senso de humor. Choramos suas perdas e aplaudimos suas conquistas. Calçamos seus sapatos. O segredo de toda a empatia mora aí. E talvez (será?) o segredo da vida.

Assim como Viktor Tsoi não foi esquecido pela Rússia, Choi Vitório também não será esquecido pelo leitor que o conheceu. Cada refrão de sua história em forma de álbum será rebobinado e cantarolado na memória daquele que a leu.

Kang lança um sensível olhar sobre a relação entre o homem e o etéreo. Faz de “Pepino de alumínio” semente de esperança, que gera frutos luminosos na mente e no coração do leitor, e transforma o brilho prateado do papel alumínio das esculturas de Vitório em brilho nos olhos daquele que lê em silêncio, mas que sonha em som.

PEPINO DE ALUMÍNIO – KANG BYOUNG YOONG

IASMINY FERNANDES SILVA

sinopse da obra:

O grande músico russo Viktor Tsoi morre em 1990, aos 28 anos, vítima de um acidente de carro cercado de mistério. No mesmo dia do ocorrido nasce na Coreia do Sul um garoto chamado Choi

Vitório, nome que o avô de Vitório escolheu. E conforme entendemos essa mistura de realidade e ficção observamos que Vitório nasceu ligado ao falecido ídolo da Rússia onde o “destino” toma conta desse romance.

ENSAIO PARTE I:

A perceptível proposta do autor Kang Byoung Yoong quanto a configuração de leitura do livro é apresentada de modo que se dispõe fitas cassete de lado A, B e faixas ocultas. A obra expõe o ponto de

Continuação da página 5

vista de alguns personagens, como o pai do Vitório, e do próprio protagonista Vitório, além da perspectiva do narrador. Em somente um determinado capítulo é mostrada a ótica da mãe de Vitório, após dar à luz a seu filho, ela é acometida por distúrbios alimentares e acaba por ficar muito acima do peso. Na cultura coreana a pressão estética é extremamente repressiva, a mãe se sentia muito desconfortável ao sair de casa, muito possivelmente pelos olhares de julgamento da sociedade.

O autor também brinca com a ordem cronológica da obra tornando-a muito cativante, é possível se prender do começo ao fim da obra e criar um apego emocional ao enredo onde concomitantemente é apresentado melancolia e quebras de humor. São notáveis as referências apresentadas pelo autor como o poeta russo Pushkin e alusões históricas como a invasão da Coreia pelo Japão e Copa do Mundo, sediada pela Coreia do Sul e Japão, deixando a experiência literária altamente imersiva.

ENSAIO PARTE II:

Vitório nasceu com uma deficiência intelectual e desde muito pequeno gostava de fazer pepinos de alumínio, que se faz relação à canção de Viktor Tsoi e ao título do livro, os sons causados ao amassar o alumínio lhe transmitiam conforto. Por conta dessa deficiência ele e seu amigo Jeon sofriam diversas agressões, tanto físicas quanto psicológicas, pelos colegas de classe que denominavam-nos por “espíritos de porco” (é interessante mencionar que na Coreia do

Sul sonhar com porcos significa sorte e fortuna, além de ser muito agraciado na culinária).

A exclusão social era um ato exercido tanto pelos colegas quanto pelos professores, chega a ser chocante o despreparo desses profissionais ao lidar com essa categoria de pessoas e o Brasil tampouco foge dessa realidade. É estimado pela OMS, que no mundo, 1 em cada 160 crianças tem autismo, como esses indivíduos são tratados em torno do globo?

Na série televisiva americana “The Good Doctor” é mostrado o cotidiano de um médico autista residente em um hospital, onde a todo momento é colocada à prova sua capacidade profissional. Isso nos mostra o preconceito nivelado que nós ainda dispomos, questionando competência e privando essas pessoas de um convívio social normal. Assim como Vitório reage ao falecimento de Jeon e de sua mãe de um formato particular, é fundamental assimilar que esses indivíduos sentem, se expressam e lidam de forma singular com as situações pelas quais passam.

ENSAIO PARTE III:

A Rússia e a Coreia são países muito diferentes em âmbitos que abrangem setores sociais, culturais e políticos. Atualmente eles podem acabar se assemelhando um pouco politicamente, mas ainda quando se reflete em relação aos dois, podemos não encontrar ligações pertinentes. O autor associa esses dois países pela relação de origem do artista Viktor Tsoi, graças diáspora coreana na Rússia, um pouco da cultura coreana foi disseminado no país. Ele foi um marco histórico no rock soviético influenciando muitos

jovens da época. Segundo uma matéria da jornalista Alessandra Scangarelli no site Koreapopo, “ainda que as letras de Tsoi tivessem certo apelo político, as músicas não continham uma excessiva abordagem política, sendo a liberdade o único tema recorrente.” “Em geral, suas canções enfocavam principalmente as dificuldades do dia a dia e tratavam de temas tão abrangentes como o amor, a guerra e a busca pela liberdade.”

ENSAIO PARTE IV:

O destino é o tema chave do livro, todas as situações circundam o destino, nada acontece por mero desatino. A personagem Olga acredita piamente que Viktor ainda está vivo, sendo o destino dela ir à Coreia, assim como o destino também promoveu o reencontro dela com a “Salvadora” Vitória facilitando o encontro com Vitório e Olga.

Esse romance perceptivelmente é direcionado ao público infanto-juvenil, é exatamente nessa época de nossas vidas que mais sofremos e nos sentimos descolados, excêntricos ou contrastado com o restante dos indivíduos do nosso convívio social. É valoroso saber que mesmo que Vitório possuísse muitas dificuldades, ele, ainda assim, encontra uma atmosfera onde se sente confortável, sendo o amor à música seu encorajamento para conseguir subir ao palco na finalização do livro. Evidentemente esse conteúdo auxilia a edificação e formação de adolescentes como eu, nos ajudando a extrair conceitos de fé, filosofia e amor.

HUMANIFESTO – REALIDADE E MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Eugênio Giovenardi

Há mais de 40 anos acompanho a regeneração vegetal de 70 hectares do bioma cerrado, no Distrito Federal, Brasil. Convivo com velhas árvores cheias de histórias milenares, extasiado com miríades de flores e frutos. Esta experiência me incita a comprometer meus contemporâneos a conhecer e compreender a natureza e o planeta que nos abriga.

A abundante literatura ecológica, nos últimos anos, soma-se aos documentos científicos publicados pela ONU, acompanhados de documentários realizados em vários países que expressam a generosa e também a desastrosa relação da espécie humana com a natureza e a biodiversidade.

HUMANIFESTO é uma voz singela que se une à de milhares de escritores, artistas, documentaristas e cientistas na proteção dos elementos essenciais – árvores e água – que sustentam todas as vidas no planeta verde.

Estamos rodeados de realidade. Falta-nos, porém, a percepção dessa realidade. Ela parece zombar de nossa cegueira e sonambulismo diante dos fatos. Os administradores da coisa pública não dão à ecologia e à gestão das riquezas naturais prioridade preferencial às decisões políticas de investimento a longo prazo.

Vivemos numa época em que a cegueira humana, causada pelo imediatismo consumista, impede de reconhecer a realidade das mudanças climáticas, das alterações físicas, tempestades gigantescas e inundações

provocadas por fenômenos naturais, agravados pela múltipla ação modificadora da espécie humana (urbanização, indústria, produção de alimentos). A contaminação espacial e planetária do solo e da água por elementos químicos e orgânicos e pela superexploração e devastação das riquezas naturais afetam a vida humana e a biodiversidade do planeta. As mudanças climáticas são irreversíveis. As que aconteceram há bilhões de anos, as que estão acontecendo e as que virão nas próximas décadas, ou nos séculos seguintes, fazem parte da história cósmica.

Alguns aspectos auxiliam a percepção da realidade:

1) O espaço físico do planeta Terra é limitado. 70%, água e 30%, terra. A espécie humana, no ano 1800, desfrutava de 19 hectares per capita. Em 2019, o espaço por habitante se reduziu a 2,7 hectares. Nesse espaço de 20.700 metros quadrados, cabe a casa, o automóvel, a rodovia, o estacionamento, o aeroporto, a estação ferroviária, a rodoviária, as árvores, os pássaros, a horta, a água, a pluralidade de animais domésticos e os campos de cereais e frutas.

2) A população humana se espalhou por todas as regiões do planeta arrastando consigo bilhões de animais domesticados que consomem grande parte dos cereais produzidos. A sobrevivência da espécie humana conquistou maior longevidade e a reprodução continua

crescendo de maneira persistente. A ONU indica um crescimento de 2.2% da população global, alcançando, em 2100, 11 bilhões de habitantes no planeta. É de se ressaltar que uma política demográfica deve alcançar todos os países qualquer que seja seu grau de desenvolvimento humano.

O impacto sobre a natureza, sobre o solo, sobre a água, mesmo com todos os cuidados técnicos possíveis, afeta globalmente o planeta. O consumo dos bens limitados, a extinção de florestas, e consequentemente de seus hóspedes, a queima de combustível fóssil, o uso de pesticidas, a contaminação dos rios e do ar tendem a aumentar com o crescimento do consumo de bens pela população mundial. A extinção indiscriminada da biodiversidade trará consequências desastrosas para a saúde dos seres vivos.

3) A distribuição da água (3% de água doce do planeta) por pessoa reduziu-se de 5,2 bilhões de litros por habitante, em 1800, para 700 milhões de litros/hab. em 2019. Rios e lagos secaram em várias regiões do planeta. Milhares de nascentes foram soterradas pela urbanização e pela produção de alimentos. Os agrotóxicos e antibióticos contaminaram a maior parte das águas superficiais. Grande quantidade de lixo polui solo, rios e oceanos. Algumas geleiras, cujo degelo formava rios para irrigação na agricultura, diminuem seu volume e, em poucas décadas, extensas regiões não serão mais adequadas à produção de alimentos. Além do mais, as chuvas irregulares e os fenômenos naturais extremos

Continuação da página 6

estão causando perdas materiais e de vidas no campo e nas cidades.

4) Pouco sabemos da origem da vida no planeta e da espécie humana e, menos ainda, do destino da vida e do universo. Tudo o que a ciência nos diz é que o universo existe há bilhões e bilhões de anos e que estamos rodando no espaço. As pesquisas científicas para conhecer o universo requerem grandes somas de dinheiro, cujos resultados práticos beneficiam a própria ciência e nem sempre atendem às necessidades da vida cotidiana de quase metade da espécie humana.

5) A poluição sólida, líquida, aérea, dos rios, dos oceanos e do solo é uma realidade explícita, visível e de difícil controle, em razão da intensa produção de alimentos e do crescimento gigantesco da urbanização, cobrindo áreas de proteção ambiental. Pássaros, peixes, animais da selva, florestas e pessoas estão contaminadas. Sobrevivem as bactérias, fungos e vírus para cooperar na extinção de milhões de espécies vivas.

6) Embora o uso de aparatos tecnológicos mecânicos e da eletrônica seja massivo, o domínio e o controle da tecnologia estão em mãos de poucos anônimos que decidem como e quando usá-la. A tecnologia reflete também o poder da minoria sobre a maioria.

7) As decisões financeiras para a produção de bens e consumo estão concentradas em bancos centrais de países dominantes e de empresas de capital multinacional a dominar todos os pregões das principais bolsas de transferência de valores de muitos contribuintes de países subdesenvolvidos às mãos de poucos acumuladores de benefícios e lucros descabidos. A desigualdade pode ser configurada em três patamares: os que sobrevivem com um dólar por dia; os que vivem com 10 dólares por dia; os que vivem fartamente com 100 dólares por dia. No patamar de um dólar por dia, estão os analfabetos, as baixas remunerações de trabalho e seus ocupantes usam as poucas oportunidades para chegar aos dez dólares. As oportunidades crescem mais velozmente nos patamares superiores. A velocidade no primeiro patamar é, figuradamente, de um km/h para alcançar a de dez km/h, e esta acelera para chegar próxima ao patamar de 100 km/h. É prudente e urgente inverter a direção dessa tendência readequando a distribuição da riqueza de cima para baixo.

8) O desenvolvimento, a pedagogia e a metodologia da cultura e da educação se apoderaram da espécie humana em todos os países para subsidiar e compartilhar

mítica e ilusoriamente os benefícios oferecidos pela guerra econômica e pela aventura do consumo de bens necessários e supérfluos. Gera-se uma identidade igualitária falsa estimulando o acesso de ricos e pobres aos mesmos shoppings e supermercados. A inversão dos patamares por meio de políticas de redistribuição das oportunidades é possível com investimentos prioritários no patamar inferior. O aumento de oportunidades, de produção e consumo com o crescimento persistente da população dependerá também das mudanças climáticas cujos fenômenos extremos afetam o planeta de maneira irregular e imprevisível.

9) As reações diante da real probabilidade de extinção em massa de espécies vivas se fazem por grupos minoritários, disseminados no planeta, com um novo olhar sobre a natureza, sobre a vida e a biodiversidade. As energias políticas das administrações públicas do Estado não se dirigem convincentemente para as reais consequências desastrosas sobre a população. Produzir e consumir são o binômio das prioridades econômicas dos gestores públicos.

10) Gritos revolucionários para proteção e defesa de mananciais, de biomas, de bosques e florestas se espalham ainda imprecisos e pouco ouvidos pelos elaboradores de políticas públicas, especialmente em apoio a sistemas e processos de regeneração lenta de áreas degradadas e da biodiversidade. Percebe-se claramente, na ação humana sobre a natureza, que o tempo da destruição de vidas é curto e o da regeneração da biodiversidade é pacientemente longo. O conceito de regeneração se estende para outras atividades além da recomposição vegetal de uma área. A regeneração é lenta também para ações e procedimentos que visam a reorganizar o tecido social, as decisões econômicas e a mudança de políticas públicas. A regeneração da economia, diante de erros estruturais, de finanças combalidas, de consumo incontrolável, das normas de convivência humana, das relações do *homo sapiens* com a natureza é lenta e requer muitas décadas para reconquistar o equilíbrio rompido.

11) A realidade é que grande parte das florestas originais foi destruída. Com a extinção de florestas, com a desertificação generalizada pela produção de alimentos, pela urbanização e pela superpopulação mundial persistente, as evidências indicam impacto crescente sobre todos os biomas e especialmente sobre o acesso à água. Cada dia mais a recarga dos aquíferos

e as nascentes de rios dependem da irregularidade das chuvas.

12) O decrescimento econômico, rumo ao crescimento zero do uso e consumo de bens oferecidos pelo planeta, requer igualmente reduzir a zero o crescimento da população humana. Infelizmente, o crescimento da população, nos moldes atuais, conduz ao aumento da reprodução animal, estimulada e domesticada. A redução de rebanhos bovinos, ovinos, porcos, muas e cavalares e de espaços ocupados na produção de cereais e fibras cederia lugar às florestas e à pluralidade de vidas nos campos e nas selvas. A produção biológica e melhor produtividade que combinam processos de regeneração ecológica deverão substituir os tradicionais métodos de exploração agrícola.

13) A espécie humana está sozinha no planeta. Só ela pode consumir e eliminar o passado do planeta que a abriga. Como destruímos o passado do planeta? Eliminamos mananciais que irrigavam amplas áreas em todos os biomas. Arrasamos montanhas para desentranhar carvão, óleo das pedras para queimá-lo, ouro, prata, diamantes para transformá-los em mercadoria provocadora de guerras insensatas, pobreza, fome, desigualdade entre os integrantes da mesma espécie humana. Cortamos e queimamos árvores garantidoras da paz ambiental e dos cursos de água. Falsificamos a história do planeta e seus feitos ocorridos ao longo de bilhões de anos. Deixaremos um planeta arrasado, sem passado, para nossos descendentes.

14) A queima dos fósseis – óleo das pedras – petróleo – que é senão a destruição do milenar passado do planeta? A eliminação gradativa e segura de imensas jazidas do passado planetário foi estatuída pela espécie humana como fator de progresso e felicidade para seu exclusivo benefício. Vivemos à custa do riquíssimo passado e do depauperado presente do planeta sem prever o futuro dos que nele sobreviverão. Esta constatação é suficientemente forte para causar à espécie *sapiens* um tremendo choque emocional diante dos bilhões de anos que conformaram o presente-passado do planeta com inimagináveis perspectivas futuras para a continuação da vida.

15) O clamor de crianças e jovens, em defesa da vida e da biodiversidade no planeta, reforça a esperança de se tomarem decisões sensatas no campo econômico, político, social e cultural adequadas às novas gerações que viverão nas décadas e nos séculos vindouros.

JURISTAS NA ACADEMIA

Fernando Py

A seção de hoje comenta um livro singular: *Juristas na Academia Brasileira de Letras* (Brasília: Thesaurus, 2018), de Fabio de Sousa Coutinho, presidente da Associação Nacional de Escritores – ANE. O autor escolheu diversos juristas acolhidos pela ABL e distribuiu o total em quatro partes que, a seguir, comentaremos perfunctoriamente, devido à escassez de espaço. Na primeira, intitulada *Os Fundadores*, aqueles que participaram da fundação da ABL.

Destacam-se Rui Barbosa (1849-1923), Lúcio de Mendonça, Clóvis Beviláqua e Joaquim Nabuco. Rui Barbosa é o patrono dos advogados do Brasil. Ministro da Fazenda no governo Deodoro, foi autor do anteprojeto da nossa primeira constituição republicana (1891). Tamaña é sua importância que o dia de seu natalício, 5 de novembro, é legalmente o Dia Nacional da Cultura. Lúcio de Mendonça (1854-1909) foi um dos idealizadores da ABL. Formou-se pela Faculdade de

Direito de São Paulo (1877), foi promotor público e magistrado, tendo sido nomeado para o Supremo Tribunal Federal (1895). Sua obra jurídica foi reunida no volume *Páginas jurídicas* (1903); a obra literária compreende principalmente poemas, reunidos no volume *Murmúrios e clamores* (1902). Clóvis Beviláqua (1859-1944), codificador do Direito Civil Brasileiro (*Código Civil Brasileiro comentado por Clóvis Beviláqua*, 6 vols. (1916), foi professor da Faculdade de Direito do Recife, autor de *História da Faculdade de Direito do Recife* (2 vols., 1927), fundou a cadeira 14 da ABL. Joaquim Nabuco (1849-1910), formou-se pela Faculdade de Direito do Recife (1870) foi o primeiro secretário da ABL. Suas obras mais expressivas estão no campo da literatura: *O abolicionismo* (1883), *Minha formação* (1900), e a extensa e bem documentada biografia do pai, o senador Nabuco de Araújo, *Um estadista do Império* (4 vols. (1899). Da segunda parte, a *Geração Posterior*, os mais importantes, a meu ver, são Lafayette Rodrigues Pereira, o

Conselheiro Lafayette, ministro da Fazenda (1883-1884). Além da obra jurídica, seu trabalho mais importante é *Vindiciae* (1899), em que defende Machado de Assis contra os ataques de Sílvio Romero. E mais: Pedro Calmon, Barbosa Lima Sobrinho e Alfredo Pujol.

Na terceira parte, *os Eleitos no Pós-Guerra*, distinguem-se Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990), Cândido Mota Filho, Hermes Lima, Pontes de Miranda, autor do monumental *Tratado de Direito Privado* (60 vols., findo em (1970), Evandro Lins e Silva, Raymundo Faoro, Evaristo de Moraes Filho e Miguel Reale.

Na parte final, *Os Atuais Ocupantes*, o mais importante é Celso Lafer, que foi ministro das Relações Exteriores nos governos de Fernando Collor de Melo e Fernando Henrique Cardoso. Seu livro de maior realce é *A Reconstrução dos Direitos Humanos*. Em seu conjunto, o livro de Fabio Coutinho é bem instigante e merece uma leitura completa.

GEOGRAFIA - REFLEXÃO

Ariovaldo Pereira de Souza

Desde a mais alta antiguidade, o homem se preocupava com o conhecimento do espaço em que vivia. O conhecimento sistematicamente abordado da Terra é o objetivo específico da Geografia, por vezes com conceitos econômicos ou políticos. A Geografia é uma disciplina que nasceu na época em que surgiu o homem. Mas o homem só a caracterizou como ciência depois que a civilização grega floresceu.

O homem sempre teve necessidades, fez uso do conhecimento geográfico, e com o passar do tempo foi aprendiz de agricultura e da domesticação dos animais. O objetivo central do estudo da geografia é a superfície da Terra, que sofreu rápidas alterações na metade do século XX.

A curiosidade, ou seja, a vontade de saber sobre o nosso planeta Terra sempre tem incentivado o aprendizado dos seres humanos sobre a geografia; o fato de o homem desenvolver o intelecto recebe o auxílio do conhecimento geográfico, e pela geografia é fornecido um quadro para esta reflexão. Há grande quantidade de problemas sociais que somente serão de compreensão completa se tivermos determinado conhecimento geográfico.

Conceitualmente, a geografia é uma ciência na qual é estudado o modo como os habitantes se relacionam com a Terra, como conhecimento do lugar onde passa a vida dos homens, das plantas, dos animais e da localização dos rios, dos lagos, das montanhas e das cidades. A curiosidade, ou seja, a vontade de saber sobre o nosso planeta Terra sempre tem incentivado o aprendizado dos seres humanos sobre a geografia.

A geografia é responsável pela cooperação com as demais áreas do conhecimento na análise de situações problemáticas, como a conservação da fauna e da flora, a ligação do continente populacional com os recursos financeiros e a procedência e o espalhamento das espécies dos reinos vegetal e animal em todo o mundo.

Os assuntos locais ou nacionais, tudo o que for decidido a respeito das situações problemáticas, como o abastecimento de água e irrigação, é dependente desse conhecimento. O acerto das fronteiras municipais também exige conhecimento da geografia regional.

A função social – uma imagem tradicional da disciplina geográfica – é de uma área do conhecimento cuja dedicação é a memorização dos topônimos de lugares e acidentes geográficos (países, territórios, capitais, municípios, estados, províncias, distritos, bairros, povoados, vilas, etc).

É ela uma disciplina socialmente importante porque é o estudo das ligações entre a população e o território em que vive. Conhecer geografia de um lugar é antes de tudo saber identificá-lo, entender suas regras e compreender como as pessoas se relacionam e se organizam, identificando os arranjos espaciais produzidos pela relação homem/meio, daí suas representações: geografia física, geografia matemática, geografia política, geografia histórica, geografia zoológica e geografia botânica.

Eis aqui os objetivos a que se propôs o autor quando aflorou-lhe a ideia de escrever sobre a Geografia do Distrito Federal.

A CASA DIVIDIDA

Valfredo Melo e Souza

Prolegômenos dos debates políticos de Abrahão Lincoln e Stephen A. Douglas na célebre campanha de 1858, em Illinois.

Importante foi este debate na eleição para Presidência dos Estados Unidos em 1860. O futuro da escravidão nos Estados Unidos foi o palpitante assunto dos DEBATES (como ficou conhecido o livrinho) em 1858. Abrahão Lincoln, desconhecido até então, tornou-se em poucas semanas uma figura nacional, ao passo que as perspectivas de Stephen para conseguir a Presidência foram aniquiladas, fato esse entre outros, que foram causas imediatas da Guerra Civil.

Durante o período que mediou entre a adoção da Constituição de 1787 e o rompimento da Guerra Civil em 1861, a questão da escravidão era fator de maior preocupação gerando controvérsias entre os Estados livres do Norte e os Estados escravocratas do Sul. Um acordo foi celebrado sobre o conceito de “soberania popular” que estabelecia ser o povo de um território livre para resolver, por si mesmo, se a escravidão deveria ser admitida ou não.

Lincoln abandonou a advocacia para aceitar a candidatura ao Senado pelo Partido Republicano. A

campanha começou em 16 de junho de 1858 quando Lincoln pronunciou seu discurso sobre a Casa Dividida em Springfield. Depois de mostrar que a agitação em torno do problema da escravidão havia aumentado, conclui:

“Em minha opinião ela não cessará até que sobrevenha uma crise e esta se resolva. Uma casa dividida não pode ficar de pé. Creio que este governo não pode continuar indefinidamente meio-escravo e meio-livre. Não espero que a união se dissolva – pois não espero que a casa caia, mas desejo, isso sim, que deixe de ser dividida. Ou se tornará totalmente livre ou totalmente escrava”.

A oposição (Senador Douglas), que considerava a escravidão como um assunto de clima e latitude e não uma questão moral relevante, contrapunha a sua doutrina de soberania popular, isto é, princípio da autonomia local aplicado à escravidão.

Lincoln foi “acusado” de tentar lançar Estados contra Estados instigando uma guerra de extermínio. Douglas reafirmou ainda sua própria convicção de que o negro não era igual ao homem

DOIS POEMAS DE ROSANI ABOU ADAL

Corais Invisíveis

Corais Invisíveis

Os corais da Amazônia estão perdendo cor e forma. A indústria petrolífera alcova de peixes e esponjas do mar. Espécies sem vida, sem lar, recifes sem povos. Deserto ermo nas águas do rio e do mar. A nudez da Amazônia silenciará os corais invisíveis, todos os povos, matas, riachos, rios e oceanos.

Sem Brumas

O povo de Brumadinho não teve tempo de piscar os olhos, de garimpar seus sonhos, de ver o rio pela última vez com vida, peixes, água... Entre lamas, minérios e rejeitos, o Paraopeba assistiu a morte dos animais, da flora e fauna, do seu rio e da sua gente. Sem passaporte para despedida, a Vale e sua lama devastaram a vida do rio, da terra, dos animais e do povo de Brumadinho. O córrego do feijão, num sopro, deixou órfãs as brumas de Rola-Moça e Moeda.

branco e insistiu que o governo dos Estados Unidos devia ser baseado na supremacia dos brancos.

Pressionado, Lincoln esclarece sua própria atitude com relação aos negros. Embora concordando que o negro não é igual ao branco em muitos aspectos, afirmou ele: “em relação ao princípio de que todos os homens são criados iguais, procuremos cumpri-lo tanto quanto possível. Se não pudermos dar liberdade a todas as criaturas, pelo menos não façamos nada para impor a escravidão a outras”.

Para resumir: na eleição de novembro, Lincoln conquistou a maioria do voto popular, mas sob o sistema de eleição legislativa de senadores então em vigor, Douglas foi escolhido para a reeleição pela maioria democrática do legislativo de Illinois.

A derrota de Lincoln veio a ser, em suas próprias palavras: “um escorregão, mas não uma queda”. Na convenção de 1860, seu nome era tão conhecido que ele conseguiu ser escolhido para candidato à Presidência pelo Partido Republicano. Sem a fama conquistada nos DEBATES é pouco provável que Lincoln tivesse sido escolhido para liderar o partido. Mas, naquele tempo, a terra era redonda.

BRASÍLIA COMEÇA EM CAICÓ

sôniahelen

Continuação da página 1

Enquanto o esforço de melhoria tiver como foco as grandes cidades, o problema permanece. Enquanto não se oferecerem às pequenas urbes condições razoáveis de vida, educação satisfatória, saúde de qualidade, trabalho digno, segurança e lazer, não se pode pensar em metrópoles bem resolvidas. Enquanto não houver uma completa metamorfose nos conceitos e nas prioridades, não se verá um país desenvolvido.

É preciso uma revolução cultural e de costumes. É preciso refazer mentalidades e mudar crenças e tabus. É preciso ter coragem de afirmar, com toda convicção, que não importa ter casa própria, mas, sim, ter moradia digna. Não importa ter emprego; importam boas oportunidades de trabalho. Não importa chegar à universidade; importa a educação adequada e uma profissão valorizada. Não é preciso ter plano de saúde e, sim, saúde pública de qualidade. Não faz sentido todo o estímulo ao carro próprio; importante é oferecer transporte público de excelência. Não devem ser necessários alarmes, cercas elétricas, trancas e cadeados, segurança privada, porque a segurança pública tem de ser capaz de garantir a tranquilidade de todos.

As aplicações financeiras não devem ter mais atratividade que os investimentos na produção. A diferença de remuneração entre os maiores e os menores salários não pode ser tão absurda, mas ter limites civilizados.

Os detentos devem ser em número infinitamente menor que os atuais, pois os problemas sociais têm de ser reduzidos. No entanto, sempre haverá alguns marginais, entendidos como à margem da sociedade ou da convivência civilizada, a merecer tratamento completamente diferente do atual. Devem ter oportunidade de estudar e trabalhar. Ou de tratamento médico, quando for o caso. Devem ser levados a produzir bens e serviços: móveis para organizações públicas; carteiras para escolas; leitos para hospitais; roupas profissionais; alimento para si e para a merenda escolar; artefatos para urbanização e para a construção de casas populares; viveiro de plantas frutíferas ou ornamentais; limpeza urbana; serviços gráficos ou de manutenção diversa... Uma enorme variedade de ofícios e atividades pode ocupar o seu tempo e resgatar seus espíritos. Precisam ter educação profissional, assistência médica, apoio e atenção psicossocial, remuneração pelo trabalho realizado, parte para a família e parte como poupança para sua reinserção na sociedade, tão logo cumprida a pena.

Tudo isso deve ser possível em qualquer lugar. Independe do tamanho da cidade, até porque nas menores a solidariedade costuma ser bem maior.

Enquanto se pensar em alargar avenidas, ampliar as cidades, diminuir os lotes, comprimir

as residências, padronizar alunos, uniformizar consultas e remédios, empilhar detentos, as cidades serão cada vez mais desumanas e o campo cada vez mais explosivo.

Em vez de ser necessário ir para a cidade grande, onde supostamente existem múltiplas oportunidades, ilusão que se desfaz em pouco tempo, as pessoas devem poder ficar em suas terras, com oportunidade de fortalecer suas raízes, com educação adequada, saúde pública eficiente, segurança, trabalho e respeito.

Enquanto não se mudar o conceito de urbanidade para civilidade, que nada tem a ver com o tamanho das cidades, mas, sim, com a relação respeitosa entre os cidadãos, só se verá a ampliação do caos.

Para resolver Brasília, ou São Paulo, ou Porto Alegre, ou Recife, ou qualquer das grandes cidades brasileiras, é preciso começar planejando Caicó. Ou todas as médias e pequenas cidades espalhadas por esta terra Pindorama, de onde saem os milhares de brasileiros na busca de vida melhor para cair em um mundo ainda mais desigual. E aí ficar por não ter como voltar.

Como disse o poeta, se quisermos resolver os enormes problemas de nossas cidades, pequenas, médias ou grandes, é preciso retornar ao tempo *dos quintais, em que o medo se chamou jamais*.

NAPOLEÃO, O ATOR

Manoel Hygino dos Santos

Nascido em Mariana – o que diz muito – o escritor Danilo Gomes, além do bom humor já tão restrito em nosso tempo – é um excelente cronista, um dos maiores do Brasil atual. Residindo em Brasília, depois de longo percurso como jornalista do serviço de imprensa da presidência da República, desde o Catete, continua servindo aos seus leais leitores – inúmeros.

Recentemente, ele escreveu sobre “Napoleão Bonaparte, ator teatral”, uma joia como se fala em Minas. Começa por referir-se a Jean Tulard, o maior especialista sobre o tema, que afirma existirem mais de 60 mil livros sobre o personagem. Danilo evoca um de L.B. Horta Barbosa, publicado no Rio de Janeiro, em 1923, em que o autor execra o imperador; “livro cruel, excessivamente severo para com o gênio político e militar”. Lembra-se seus fracassos, erros, desencantos, tudo que pudesse denegri-lo.

O marianense, meu dileto confrade na Academia Mineira de Letras, prefere um ensaio do pensador Ralph Waldo Emerson – sensato, equilibrado, justo, brilhante. Ele repete Emerson: Napoleão era “potente ator, sempre pronto, que

agarrou a ocasião pelos cabelos”. Acrescenta: “divertia-se a fascinar Josefina e as suas damas de honra numa sala fracamente iluminada, pelos terrores de uma ficção, na qual sua voz e o seu poder dramático exerciam largo papel”.

O tradutor, Alfredo Gomes (não é da família de Danilo), em nota ao pé de página, observa: “Napoleão preocupou-se demais pela encenação, pelo artifício e pela retumbância”. E mais: “a colaboração de seus auxiliares lhe proporcionou a atmosfera de glória”. A personagem lembra algum político deste nosso tempo?

Não há quem, em algum período da vida, não tenha sentido um certo fascínio por Napoleão, o homem ou o artista, porque afinal todos vivemos o nosso papel na face da terra. Ele procurava haver-se com as ocasiões que se lhe ofereciam. Sabia conduzir-se diante do público, tendo declarado: “uma grande reputação é feita de muito ruído; quanto mais barulho se faz, mais longe se ouve. Leis, instituições, pronunciamentos, nações, tudo cai, porém, o ruído continua e ressoa nos séculos seguintes”.

Jean Tulard observou que Bonaparte cuidou, ele próprio, de tecer sua coroa de imortalidade.

Exercia fascínio sobre as pessoas, as tropas. Fez questão de manter sua lenda, nos jornais interessados em relatar suas campanhas. Diz Danilo Gomes: era um campeão da mídia, um tal da política-espetáculo, como Carlos Magno, reverenciada a memória por outro craque das letras da AML, Pedro Rogério Moreira, em agradável livro.

No entanto, o cronista de Mariana aduziu: já no Consulado, o corso criou sua própria figura: a mão enfiada no colete, o chapéu característico e exótico para sua época; os arroubos, como ao arrancar do peito a Cruz da Legião de Honra (que ele próprio inventara), o andar inquieto, pra lá e pra cá, com as mãos para trás, como os atuais garçons de restaurantes, entrelaçadas.

Tulard vai além: “Napoleão tinha um senso inato – a propaganda”. Ainda hoje, lembra-se sua frase no Egito: “soldados, do alto destas pirâmides, quarenta séculos vos contemplam”. E foi aplaudido por suas legiões.

O biógrafo não deixa por menos: “penso o que teria feito, se tivesse tudo à disposição, como De Gaule, uma televisão por exemplo”.

CORREÇÃO OU VERDADE NA ARTE - I

Flávio R. Kothe

A expressão sensível do correto

O primado da alma sobre o corpo, pressuposto ainda no século XVIII, levou ao primado da Lógica, voltada para o pensamento abstrato, sobre a Estética, vista apenas como uma “Lógica inferior”, voltada para as percepções corporais. A concepção de “verdade” aí é que ela seria algo eterno, imutável, como seria o saber divino. Até hoje é o modelo de ciência. Descartes diz que $2 + 3$ sempre seria $= 5$ e que o triângulo seria sempre e apenas uma figura geométrica com três ângulos. Não se pensa aí que o saber é algo provisório, de uma espécie de animal que não existe há muito tempo.

Baumgarten, no nº 442 da *Estética*, assume a concepção de que a *veritas* seria o imutável na Lógica abstrata, enquanto a verdade estética seria conectada às virtudes (fortaleza, dignidade, coragem, sabedoria). São virtudes romanas, masculinas (de vir, viris – o homem varão) e que poderiam ser outras em outra cultura: sua “alma” mudaria, portanto. Para ele, as “verdades esteticológicas” só são estéticas se reconhecidas sensorialmente, captadas por análogos da razão, sem que a lei da beleza seja ferida. Subjacente está a divisão do homem em corpo mutável e alma eterna. Exatamente este é o ponto que Kant, na 1ª edição da *Crítica da razão pura*, havia tocado mais de uma vez: o eu numérico como abstração pode ser igual, mas o eu empírico sempre é diferenciado, mutante com o tempo. A própria unidade sintética do eu reúne vivências de si mesmo em diferentes épocas e situações.

Baumgarten, no nº 445, fala da “*falsitas aesthetica*” como uma “*desconvenientia*”, uma discrepância das cogitações com as coisas cogitadas. Ele não chega a considerar, como Kant, uma discrepância inerente a todo processo do conhecimento, em que o que a imagem que se tem na mente nunca é a coisa nem pode ser idêntica a ela. No nº 464, para ele é uma falsidade estética o que está em choque com o lícito (*licitum*), o pio (*pium*), o honesto (*honestum*) e o decoro (*decorum*). Ora, o que é piedoso depende da religião; o lícito, depende das leis; o honesto depende dos critérios vigentes no grupo social; e o que é decoroso numa época ou meio é indecoroso em outro. Nesse sentido a “verdade estética” depende de fatores contextuais, do poder vigente num meio e momento. Então ela nunca seria como tal, apenas pareceria ser: seria antes o correto do que o verdadeiro. Se isso ocorre no âmbito estético, por que não poderia ocorrer no âmbito lógico? Se depender da definição dos vetores, a resultante muda.

Baumgarten sentiu o problema e procurou sair pela tangente: no nº 478, ao se perguntar se, sendo professor de Lógica e Ética, como poderia recomendar que se misturasse o verdadeiro com o falso em histórias mentirosas como algo nobre? No nº 480, diz que razão e intelecto na ciência vão além do provável, podendo a verdade ser o contrário da aparência. Qual seria, porém, a diferença entre o verossímil e o verdadeiro? Se o verossímil procurar parecer ser, ele faz isso porque não é verdadeiro. Um monarca se apresenta com toda a pompa para que se veja nele a suposta grandeza do reino.

Ao falar em “verdades e falsidades esteticológicas”, Baumgarten estava falando naquilo que era correto ou incorreto conforme parâmetros vigentes num certo meio em determinado momento. Ele não ousou questionar esses parâmetros, que são de natureza ideológica, e não resultam em verdades

absolutas. São interesses de grupos que se postulam autoritariamente como o único modo verdadeiro de fazer arte ou pensar, mas cuja verdade são os interesses e pressupostos do grupo. Isso faz da arte um instrumento de dominação, seja auratizando o que parece certo ao grupo, seja achincalhando o que grupos opositores possam postular.

A “verdade” entendida como “adequação” corresponde a esse estar dentro dos parâmetros estabelecidos como o lícito, o pio, o honesto, o decoroso. Ela foi entendida, portanto, antes como “correção conforme parâmetros” do que propriamente como verdade enquanto afluência do ser de algo, enquanto revelação da natureza da coisa. Ela traiu sua própria concepção ao se dobrar ao ditado do ditador, aos parâmetros impostos por quem tem o comando. Ela era antes um sintoma de conformismo do que de busca de algo outro, além do horizonte convencional. Confundiu ideia com ideologia.

Quando se inventou a “Estética” como disciplina, tentou-se fazer dela um veículo de subjugação, mas ela abria as portas para aquelas imagens fugidias, sensações evanescentes, intuições de coisas que não se queriam deixar ver e que não se queria ver. Ela trazia luz para a dimensão mais sombria da mente e, com isso, também da sociedade. Era uma dupla luz: a que a mente portava e aquela que as coisas deixavam vislumbrar. Desse encontro de duas luzes – fora do espaço do que estava parametrizado – é que se passou a ter uma subversão no próprio conceito de verdade. A arte há séculos já estava fazendo isso. A crença oficial grega era que as musas eram filhas de Zeus, o poder, e existiam para glorificá-lo, mas a tragédia mais antiga que se tem, *Prometeu acorrentado*, é o elogio à grandeza do deus que ousou desafiar a ordem do irmão Zeus, de destruir a humanidade.

Temos ainda de aprender a ler, nas obras que parecem cultivar a arte como “o correto”, aquilo que nelas existe como ultrapassagem das fronteiras do paradigma vigente quando foram feitas. Elas elaboram em si forças antagônicas e sugerem algo que as transcenda. Não vai entender o *Don Quixote* quem enxergar apenas a dicotomia entre um cavaleiro andante, magro e alto, tomado por fantasias das novelas de cavalaria, e um servo camponês, gordo e baixo, a representar o senso comum: eles querem salvar a humanidade e, quanto mais tentam, mais ridículos se tornam, por mais que haja coisas a remediar. Eles se tornam uma amarga paródia do cristianismo.

A grande obra de arte começa onde acaba a correção conforme paradigmas limitados ao conveniente e conivente. O que se comporta de acordo com o “correto” obedece aos paradigmas de correção de determinado grupo social, portanto não exerce a liberdade criativa. Repete o que já foi afirmado nos paradigmas e, portanto, não tem nada novo a acrescentar. A rigor, é uma linguagem inútil, que não acrescenta verdades ao que já foi dito. Portanto, não é uma obra que diga algo novo, que se justifique como obra por dizer ou sugerir algo que não foi dito por autoridades. Quem apenas obedece aos Dez Mandamentos se submete à vontade de um senhor, Senhor, ele não tem moral no sentido de derivar sua autonomia da liberdade de pensar por si.

A história da arte não é, portanto, uma história da arte como expressão da verdade e sim uma história

da convivência do estético com o poder estabelecido, uma exaltação do que este achava correto, adequado aos seus fins de dominação. Toda arte sacra não é prioritariamente arte, mas ornato, ornamentação da dominação vigente. Não diz nada sobre a opressão subjacente a essa dominação. Pode-se supor que se estaria aí pleiteando a supremacia do juízo ético sobre o estético, mas o problema é que o juízo estético feito de acordo com parâmetros de um grupo com poder pretende ser um juízo ético, quando é apenas expressão do poder que esse grupo tem. Ele pode impedir que seus pseudo-argumentos sejam contestados publicamente, ele pode ter grandes massas que o apoiem em suas opiniões, mas a verdade não se decide por maioria. Mesmo o mais justo, ainda que na prática se decida por maioria, não corresponde à vontade e opinião da maioria. Um só pode estar mais certo que todos os demais somados.

Como outros autores de sua época, Baumgarten está totalmente dominado pela retórica e poética romana, mas não consegue perceber como Virgílio, Horácio, Cícero e outros eram ideólogos do poder cesáreo, não só porque eram sustentados pelo erário imperial, mas porque suas obras são veiculações ideológicas. Inglaterra, França, Prússia, Espanha, Portugal e outros países colonizadores queriam ser uma reprodução moderna do Império Romano, como a Igreja Católica havia sido por mais de mil anos. Como intelectuais orgânicos, não estavam interessados em questionar isso. Eram míopes. O estético servia para exaltar o poder. Para Hesíodo, o pai das musas era Zeus, o deus supremo, a mãe era a memória e elas estavam aí para exaltar a glória do poder, assim quiseram esses ideólogos. Tornaram-se clássicos basicamente por sua falsidade.

No dia de Corpus Christi, os católicos costumam espalhar serragem colorida em trilhas a partir do seu templo, formando desenhos de motivos sacros. Eles querem fazer algo bonito, mas que em geral não passa de kitsch. Na procissão solene, o padre que carrega o “corpo de Cristo” no ostensório passa por cima de toda essa beleza, seguido por todos os fiéis, destruindo tudo. Em nome da fé se pode passar por cima de qualquer coisa, até das coisas supostamente mais belas. É uma barbárie consagrada, que só não é pior porque não são grande arte as decorações espalhadas pelas ruas, pelo chão.

Baumgarten, nos nºs 465-466, diz que: “No estético se deve fugir ao que contradiz a possibilidade moral dos objetos da bela cogitação”, ou seja, “1) não se deve aparentar não distinguir entre virtude e vício, de maneira que o espectador não consiga ficar satisfeito com todo o esforço do seu pensamento análogo à razão sobre qual é o teu partido quanto às virtudes e aos vícios; 2) não simules a virtude como um hipócrita, de tal maneira que a verdadeira intenção não fique transparente ao análogo da razão apesar do esperto disfarce.”

Onde fica aí a liberdade do artista? Até onde ele pode ir? Se ele apenas repetir o consenso, não terá nada a acrescentar. Se for além, corre o risco de não ter espaço para dizer o que mais importa.

Kant tratou de se safar disso se baseando em Alexander Gérard para postular que a arte é produto do gênio e este é o exercício da ideia de liberdade. Fazer isso numa “analítica do belo” parece escapar à contradição

entre coerção e liberdade, entre necessidade e autonomia. Inventa que o gênio é o órgão pelo qual a natureza dita leis a si mesma. Pressupõe que o gênio seria livre, assim não examina os limites que lhe foram impostos e como tratou de ultrapassá-los. Ele próprio foi vítima de coerção, tanto pelas críticas dos petistas que sofreu a primeira edição da *Crítica da razão pura* quanto pela proibição que sofreu de escrever sobre temas religiosos.

Fácil é declarar que o gênio seria livre; difícil, que ele consiga ser. Enquanto havia patronato da arte pela Igreja e pela aristocracia, o artista não era livre. Hoje a arte sacra e de retratos idealizados de aristocratas tende a não valer tanto, pois quem a encomendava não está mais aí. Tende a ser o “eterno retorno do mesmo.” Para quem está com o poder ou do lado do poder, não há problema em impor condições ao artista: é visto como uma chance de ele produzir. O problema existe para quem queira dizer algo que não esteja de acordo com os interesses ou as diretrizes do poder. A obra é um produto que é uma síntese entre o que o artista quer dizer e aquilo que ele

pode dizer. Também ocorre isso com o filósofo, como fica bastante claro em Descartes e Kant.

Se a “verdade estética” é definida conforme o que seja considerado lícito, pio, honesto e decoroso, ela deixa de ser verdadeira para quem não estiver dentro desses parâmetros, se ele viver e pensar de acordo com outros. Significa que deve haver revisão permanente do que é considerado “belo” como expressão de uma “verdade”. A própria verdade mudaria conforme o tempo, o lugar, o meio, a crença. Não haveria “clássicos absolutos”. Eles teriam de ser revistos conforme a modificação dos parâmetros. O surgimento de novas obras de qualidade e novas proposições teóricas alteraria o parâmetro de mensuração. Academias terem patronos para suas cadeiras, obrigando os empossados a fazerem o elogio do patrono, é um dos modos de manter um cânone, assim como seus autores caírem no vestibular e serem obrigatórios na escola. Gera-se uma ilusão de permanência, como se ela valesse por si como garantia de qualidade.

Daí que o consenso que Kant espera em relação ao belo, como aquilo que “*allgemein gefaellt*”, aquilo que em geral agrada (e que se costuma traduzir como universal, gerando algo totalitário) é mais problemático do que ele pretende, pois ele acha que, por ser o juízo estético uma fala desinteressada, ele deve alcançar consenso. Ora, um juízo desinteressado não é, só por isso, mais justo nem verdadeiro, assim como um juízo pode estar contaminado por interesses e, mesmo assim, ser verdadeiro e justo. Embora pessoas sensatas tendam a coincidir em seus juízos sobre obras belas, elas podem estar todas contaminadas por uma formação restrita, em que, por exemplo, não tenham feito o estudo mais aprofundado de grandes autores não nacionais. Assim, acabam tendo um horizonte restrito de avaliação e tudo o que se constituir para além dele não será percebido como valor. Gera-se uma coerção que impede que alternativas sejam apresentadas. Sem liberdade, não há espaço para a verdade.

LIMA BARRETO, O GÓGOL BRASILEIRO

Vera Lúcia de Oliveira

Lima Barreto é o nosso Gógol. Isso é um grande elogio. Gógol não deixou nenhum dos exploradores do povo russo em paz. Criticou todos com sua pena irreverente, engraçada, mordaz. Considerava a Rússia “metade caserna, metade prisão”. Escreveu obras geniais, lidas e relidas pelos amantes da literatura e da justiça. Foi, antes de tudo, um artista e humanista, levado à morte por desgosto e desequilíbrio psíquico. Alguma semelhança com o nosso Lima Barreto, além de morrer também precocemente aos 41 anos de idade?

Lima Barreto em sua condição de mulato de origem humilde foi excluído e também sofreu com a fragilidade psíquica, internado em manicômios. E deixou aos leitores sua obra impagável. Foi conhecedor profundo das misérias políticas e sociais do país dos *Bruzundangas*, como chamou os brasileiros em obra homônima, uma das mais ferinas e deliciosas sobre o abuso e preconceitos da classe dominante do nosso país, o que, infelizmente, continua atual. Obra póstuma de 1922. Mas queremos falar aqui é da novela *Aventuras do Dr. Bogoloff*, publicada em folhetim em 1912, sátira política da melhor qualidade.

À primeira vista, dada a semelhança do título com o maravilhoso livro de Charles Dickens *As aventuras do Sr. Pickwick*, o leitor pode até pensar em algo como uma paráfrase. Mas não é. Está mais para paródia. Pois enquanto o Sr. Pickwick, tão londrino, com sua elegância, generosidade e finesse, vive suas aventuras cavaleirescas na Inglaterra cercado dos amigos do clube dos pickwickianos, o Dr. Bogoloff chega às terras tupiniquins com uma mão na frente e outra atrás, vindo na terceira classe de um navio, na condição de imigrante, e só Deus sabe como sobreviveu a tão longa viagem da Rússia ao Brasil. Diz ele:

“Quem me levava a terras tão distantes? Quem me tirava toda a minha satisfação de viver? Quem fazia que eu até então não encontrasse na vida nem com que me vestir bem, nem com o que comer, nem amor, nem nada? Era a pátria, a famigerada pátria, com as suas ideias decorrentes. Que diabo, afinal, era ela? Um deus como outro qualquer. Uma criação subjetiva, já sem utilidade, já sem valor. Se eu nascesse no século

XIV, russo, como eu era, Odessa seria a minha pátria? Se a Sibéria deixasse de ser russa e passasse a ser mongólica ou tártara, a Rússia morreria? Que diabo de existência era essa que não se mutila, que cresce ou diminui conforme os conquistadores são mais ou menos felizes? Eu ia ali, naquela miserável terceira classe, sofrendo frio, viajando num curral, por causa de deusa tão “frágil!”

Chegou cheio de boas intenções, mas depois de aclimatar-se à mentalidade dos trópicos brasileiros, vai aos poucos pegando o espírito da coisa e logo se tornará um espertalhão. Há nele algo do inglês de *Os dois ou o inglês maquinista*, peça hilariante de Martins Pena. É a pena da galhofa – para lembrar Machado, outro que, quando queria, sabia ser ferino.

O certo é que esse doutor russo, erudito, especialista em línguas orientais, vê-se obrigado a plantar mandioca, batata doce e a criar porcos. Pois o milho e outras plantas mais, a formiga comeu. Qualquer semelhança com o agricultor Policarpo Quaresma não é mera coincidência: é crítica ao desamparo ao pequeno produtor rural, ao descaso do governo e – o que nos encanta – a ingenuidade das personagens sonhadoras de Lima Barreto. Algumas passagens precisam ser citadas, como, por exemplo, quando ouve de um brasileiro:

– És tolo, Bogoloff, devias ter-te feito tratar de doutor.

– De que serve isso?

– Aqui, muito! No Brasil, é um título que dá todos os direitos, toda a consideração, mesmo quando se está na prisão. Se te fizesses chamar de doutor, terias um lote melhor, melhores ferragens e sementes. Louro, doutor e estrangeiro, ias longe.”

Por um acaso favorável, foi apresentado a Sofônias, diretor da política nacional, que o apresentou ao senador Lucrécio, que o apresentou a Xandu, ministro da Agricultura, tipo tocos da melhor qualidade, a quem o nosso russo propôs uma verdadeira revolução no setor pecuário, como a de produzir um boi que são quatro, criar carneiros “que são ao mesmo tempo cabritos e cabritos que são ao mesmo tempo carneiros”, e “de criar peixes a seco.” Assim, como peixe n’água, o Dr. Bogoloff nadou a favor da corrente,

comendo a isca sem morder o anzol, escapando aqui e ali de todas as embrulhadas e, dessa maneira, já na condição de Diretor da Pecuária Nacional, conheceu o estado dos Caranguejos, o Dr. Fulano, o general Z, o coronel B e o estado dos Carapicus, onde tomou posse como governador, confundido com o verdadeiro candidato – que ninguém conhecia. Sobre o estado dos Caranguejos, observou que:

“Esse estado já estava “salvo”. Sabem todos os senhores o que isso quer dizer. Chama-se “salvar um estado” entregar a sua governança a um militar. (...) De posse do governo, esbordoam, empastelam jornais, degolam, matam, procedem, enfim, mais como Domiciano ou Cômodo do que como Marco Aurélio ou mesmo Júlio César. (...) O estado dos Caranguejos já estava, portanto, “salvo”, pois tinha à frente de seu governo o general Contreiras.”

Lima Barreto não deixa escapar nada. Por meio da ficção, denuncia a corrupção endêmica no país, a usurpação do erário, o cinismo dos dirigentes públicos brasileiros e a bajulação aos donos do poder, a que o Dr. Bogoloff adere prontamente, homenageando-os, mandando cartões, dando adeusinho na rua, indo às missas de sétimo dia, etc. etc.

Depois de três décadas no Brasil, de aventuras e mais aventuras, como promete o título do livro, o russo faz uma profunda reflexão sobre a vida social, com crítica arrasadora à politicalha do país, e, como seguidor do anarquismo do príncipe russo Kropotkine, diz:

“O estado é o mais forte desestabilizador do caráter. Mais que os vícios, o álcool, o jogo, a morfina, a cocaína, o tabaco, ele nos tira toda a nossa dignidade, todo o nosso amor-próprio, todo o sentimento da realeza de nós mesmos.”

E, para surpresa do leitor, a narrativa do Dr. Bogoloff – que vai se tornando cada vez mais um pícaro – mostra que ninguém é o que parece. Toda moral se relativiza quando chega a fome. Como disse um velho professor de literatura espanhola: “El problema del pícaro es um problema de hambre”. A maldita fome.

Diferentemente do Dr. Bogoloff, Lima Barreto, que não nasceu branco, nadou contra a corrente para desnudar o Brasil, pátria que tanto o maltratou.

UM MONUMENTO EM HONRA DE PESSOA

Edmílson Caminha

Imagine-se alguém que se proponha discorrer, em um só volume, sobre a vida e a obra de vários nomes importantes da literatura mundial. Ainda mais: permite-lhes filtrar o que dizer de si próprios. Faça assim foi brilhantemente empreendida por um brasileiro, José Paulo Cavalcanti Filho, com *Fernando Pessoa: uma quase autobiografia* (Rio de Janeiro : Record, 2011), sobre o escritor português e seus heterônimos, a maior e mais relevante homenagem que já se prestou ao poeta, em todos os lugares, em todos os tempos. São 734 páginas em que Pessoa é estudado, pesquisado, analisado, investigado à exaustão, referência obrigatória em tudo que se escrever, daqui por diante, sobre o autor de *Mensagem*.

É muito, frente aos quase seis mil livros, calcula-se, a ele dedicados, especialmente três biografias: *Vida e obra de Fernando Pessoa* (1950), de João Gaspar Simões; *A vida plural de Fernando Pessoa* (1988), de Ángel Crespo, e *Estranho estrangeiro* (1996), de Robert Bréchon. Nenhuma com a abrangência, a profundidade e a substância da que agora se publica. Nela, fotografa-se Pessoa de corpo inteiro, o homem que se embebedava de vinho do Porto, fumava 80 cigarros por dia, gostava de caldo verde e, supersticioso, não se sentava a mesas com 13 pessoas.

Gênio de grandeza incomum, consumia-se na penosa e frustrante luta pela sobrevivência - “a vida inteira que podia ter sido e que não foi”, como no verso de Bandeira -, a trabalhar em pequenos escritórios e empresas de comércio. Não ganhou o prêmio Nobel com que sonhava, mas o Antero de Quental, de poesia, às expensas do Secretariado da Propaganda Nacional. Se bem que fruto de uma “conspiração” de amigos: ante a classificação em primeiro lugar de outro concorrente, estabeleceu-se, nos bastidores, prêmio especial para o poeta de *Mensagem* - cinco mil escudos (3.500 euros, hoje), que aliviaram, por um tempo, a algibeira vazia do poeta.

Publicitário, é dele o famoso *slogan* para a Coca-Cola portuguesa, “primeiro estranha-se, depois entranha-se”, que acabou por levar o Ministério da Saúde, ao tempo do ditador Salazar, a proibir o refrigerante, pois “primeiro se estranha e depois se entranha é, precisamente, o que sucede com os entorpecentes”. Apreendidas, as garrafas do produto foram jogadas no rio Tejo, e só voltaram a vender-se em 1977, no governo socialista de Mário Soares.

Em busca de dinheiro, escreveu sob encomenda para um russo, Eliezer Kamenezky, e chegou a pôr no papel algumas invenções, como um novo componente da máquina de escrever, precursor da esfera depois introduzida pela IBM em seus modelos elétricos. Ocorreu-lhe, também, um jogo de futebol de mesa, matraquilho (totó, no Brasil), mais tarde patenteado por um espanhol.

Ao gosto por esoterismo e mediunidade devem-se os 2.700 papéis astrológicos incluídos na famosa arca de documentos que deixou, entre eles 318 horóscopos feitos, além de mapas astrais de figuras como Chopin, Newton, Napoleão e Shakespeare. Interessado em ciências ocultas, relacionou-se com Aleister Crowley, charlatão inglês que, chegado a Lisboa, simulou a própria morte com a ajuda do poeta, a quem revelaria, mais tarde, viver na Alemanha, depois do suicídio *fake*... Impressiona saber Pessoa

ligado a esse tipo de gente, impostor que, de volta à Inglaterra, vendia a ingênuos pílulas de um “elixir da vida”, fabricadas com o próprio sêmen. Diga-se, por curiosidade, que a foto de Aleister Crowley é uma das que se veem na capa do *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club*, disco dos Beatles, na companhia de Marx, Jung e Einstein, entre outros...

Pesquisador compulsivo, José Paulo chega aonde poucos vão. Pergunta a vários médicos do que realmente morreu Pessoa, em 1935, aos 47 anos - de pancreatite, é a conclusão. Para saber que se fizera do corpo de Mário de Sá-Carneiro, amigo maior do biografado, conversa, em Paris, com um funcionário do Service Administratif que Conserve la Mémoire des Défunts Enterrés; no rastro do anúncio de emprego que Ophelia Queiroz, namorada do poeta, lembrava-se de haver saído em uma edição do *Diário de Notícias*, não o encontra entre os mais de 1.500 que tem a pachorra de ler na coleção do jornal. Corre, até, o risco de ser preso: ao segurança que não lhe deixa entrar em um edifício no largo de São Carlos, sugere que chame a polícia, pois subirá ao apartamento no quarto andar em que nascera Pessoa, apenas para checar a lembrança de que, de lá, podia-se ver o Tejo e escutar os sinos da igreja de Nossa Senhora dos Mártires. É tamanha a obsessão com o rigor que o biógrafo não se contenta em anotar o endereço de residências e casas de comércio: folheia catálogos antigos para dar o número do telefone...

Natural, pois, a ânsia que lhe desperta o Arquivo Fernando Pessoa, na Biblioteca Nacional de Lisboa: leu, um a um, 27.543 documentos, dos quais 18.816 escritos a mão e 3.948 datilografados. Mergulho de que se origina um abrangente e substancial painel da obra pessoana, sobreposto ao que há na biografia quanto ao homem, ao lugar e ao tempo em que viveu. Apresentam-se, então, os heterônimos de Pessoa. Não apenas Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos e Bernardo Soares, os quatro famosos: José Paulo Cavalcanti Filho conta nada menos do que 127 - com algum exagero, diga-se, pois muitos nomes foram apenas anotados ou referidos por Pessoa, sem que deles haja produção. Heteronímia, em certos casos, tão rica e tão misteriosa que transcende as fronteiras da literatura para alcançar o âmbito da psicologia e da medicina. Talvez até da mediunidade, segundo a doutrina espírita, a julgar pelo depoimento de Ophelia sobre o namorado: “Era um pouco confuso, principalmente quando se apresentava como Álvaro de Campos. Dizia-me, então, hoje não fui eu que vim, foi o meu amigo Álvaro de Campos. Portava-se, nestas alturas, de uma maneira totalmente diferente. Destrambado, dizendo coisas sem nexos.”

Mais do que invenções, apenas, são criaturas que se relacionam como se vivas fossem, elementos de uma intrincada e complexa trama. Os primeiros surgidos na infância do poeta, por volta dos cinco anos, como Chevalier de Pas e Capitaine Thibeaut. Há heterônimos parentes (como os quatro irmãos Search e os quatro irmãos Wyatt); heterônimos que se transformam em outros (como Charles Robert Anon, que vira Alexander Search); heterônimos criados por heterônimos (como o Ex-seargent William Bing, inventado por Horace James Faber); heterônimos que se manifestam sobre heterônimos (como Frederico Reis, autor de textos sobre o irmão Ricardo, e I. I.

Crosse, que escreve sobre Alberto Caeiro e Álvaro de Campos).

Deu-se, até, episódio que resultou em prisão, quando o heterônimo Jean-Seul assina carta em que antevê a morte de Salazar em 1968: “vejo uma cadeira e, depois uma cama e, depois... depois vejo um circo”. Acontece que havia mesmo um Jean-Seul em Portugal, preso por agourar o ditador... Espantosa, a premonição: falecido em 1970, o governante acidentou-se em 1968, ao cair de uma cadeira. Para o biógrafo, o circo simbolizaria, talvez, a festa popular que comemorou o restabelecimento da democracia...

Ao longo do texto, José Paulo revela o gosto pela história, ao escrever, com seguro conhecimento, sobre a lenda de Dom Sebastião (em Portugal e no Brasil), a participação dos portugueses na Primeira Grande Guerra e o Estado Novo de Oliveira Salazar, instituído em 1932. Destaquem-se as 660 notas que enriquecem o livro, com dados que vão da mitologia à etimologia, e as epígrafes latinas que ilustram os capítulos, postas, até, na bibliografia e no índice onomástico. Evidências da erudição do autor, no mais nobre sentido da palavra, sob a discrição e a modéstia próprias dos intelectuais verdadeiramente grandes.

Com *Fernando Pessoa: uma quase autobiografia*, José Paulo Cavalcanti Filho ergueu notável monumento que honra o poeta e se inclui, por todas as razões, entre as mais importantes obras do gênero na literatura em língua portuguesa.

MÃOS ABENÇOADAS

Arlete Sylvia

QUE DEUS ABENÇOE SEMPRE SUAS MÃOS!
E QUE ELAS POSSAM TRAZER FELICIDADE.
MESMO CONVIVENDO COM SERES NÃO-SÃOS,
ELAS DEMONSTRAM TODA A SUA BONDADE.

QUANDO NÓS VIMOS A ESTA TERRA,
TODOS TEMOS DESTINADA A MISSÃO;
A SUA É GRANDIOSA, NESTA ERA,
É SUBLIME, POIS EXIGE O CORAÇÃO.

CORAÇÃO QUE VIVE TÃO ESCONDIDO...
ONDE SÓ O DONO SABE O QUE SENTE.
TRISTEZA, ALEGRIA, AMOR CONTIDO,
PORÉM A EMOÇÃO SE FAZ PRESENTE.

FELIZ DE ALGUÉM QUE NASCEU PARA BRILHAR;
MÃOS QUE SABEM OPERAR E ESCREVER.
QUE PALAVRAS EU TERIA PRA EXALTAR.
QUEM FOI ABENÇOADO DESDE O NASCER?

Este poema foi escrito especialmente para o brilhante Médico/Cirurgião, Escritor e Acadêmico de Belém do Pará Dr. Sérgio Martins Pandolfo e publicado no Boletim Literário da SOBRAMES, (Sociedade Brasileira de Médicos Escritores) “PARAUARA” em Belém do Pará